

## Os projetos migratórios de Brasileiras/os na Alemanha no século XXI e as configurações de famílias transnacionais

### The migratory project of Brazilian women in Germany on the 21st century and the configurations of transnational families

Gláucia de Oliveira Assis

Doutora em Ciências Sociais. Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: galssis@gmail.com

 0000-0002-0307-6313

Francisco Canella

Doutor em Ciências Sociais. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: franciscocanella@hotmail.com

 0000-0002-6796-7721

Lais Martendal

Mestranda em História. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: Email: lah.martendal@gmail.com

 0000-0002-9255-809X

Isadora Luísa de Oliveira Alves

Graduanda em Psicologia. Bolsista de iniciação científica (PIBIC). Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

 0000-0002-4249-8498.

#### Resumo

O objetivo deste artigo é discutir como as brasileiras na Alemanha (re)construíram seus projetos migratórios e os laços sociais com o Brasil, configurando famílias transnacionais. A pesquisa é qualitativa com dados coletados por intermédio de entrevistas realizadas com brasileiras que emigraram para a Alemanha (2000-2022). Do total de 22 entrevistas, selecionamos 04 (quatro), que evidenciam a configuração de famílias transnacionais e as transformações nas relações familiares e de gênero.

*Palavras-chave:* brasileiras-Alemanha; famílias transnacionais; gênero,

#### Abstract

The purpose of this article is to discuss how Brazilian women in Germany (re)construct their migratory projects and social ties with Brazil, configuring transnational families. The research is qualitative with data collected through interviews with Brazilian women who emigrated to Germany (2000-2022). From a total of 22 interviews, we selected 04 (four), which show the configuration of transnational families and the transformations in family and gender relations.

*Keywords:* brazilian-Germany; transnational families; gender.

DOI: <https://doi.org/10.18616/rdsd.v9i1.7852>

Recebido: 23/02/2023

Aprovado: 11/05/2023

## **1. Introdução**

A migração de brasileiros para o exterior tem colocado questões significativas para compreendermos a reconstrução das identidades em diferentes contextos, nesse caso pretendemos analisar a intensificação do fluxo de brasileiras para a Alemanha, na segunda década do século XXI.

Este artigo busca discutir os percursos migratórios de brasileiras na Alemanha e como se construíram seus projetos migratórios e os laços com o Brasil configurando famílias transnacionais. Para tanto, analisamos como o projeto migratório se mantém ao longo do percurso migratório e seus desdobramentos na geração dos filhos.

Neste sentido, buscaremos identificar como se articulam os projetos migratórios rumo à Alemanha, procurando analisar como esse país emerge como local de destino na emigração de brasileiros/as, principalmente para as mulheres e quais os projetos migratórios norteiam essas migrações.

O trabalho de campo, realizado durante 2020-2021, período em que, por conta da pandemia de COVID-19, não foi possível realizar as viagens previstas na pesquisa. Neste sentido, recorreremos a Netnografia para coletar os dados. Foram realizadas, no total, 22 entrevistas. O perfil delineado é caracterizado por mulheres que têm filhos nas escolas na Alemanha e também mulheres e homens que estão estudando na Alemanha. A partir do contato com as mulheres, buscamos reconstruir a trajetória de migração familiar e identificar a formulação de seus projetos migratórios.

Pretende-se, com este artigo, apresentar resultados desta pesquisa a partir da seleção de quatro entrevistas, de um total de 22 entrevistas realizadas, que nos ajudam a compreender a configuração de famílias transnacionais, bem como caracterizar esse fluxo em direção à Alemanha, evidenciando as transformações nas relações familiares de gênero e seus projetos migratórios nos processos de inserção na sociedade alemã.

## **2. Metodologia**

A pesquisa, inicialmente, previa um trabalho de campo em Hamburgo (Alemanha) e em cidades próximas onde já havia uma pesquisa anterior realizada por Sara Fürstenau (2015) sobre brasileiras na Alemanha.

Com a pandemia COVID-19, as viagens previstas para o ano de 2020 e 2021 não foram realizadas. As entrevistas foram realizadas mediadas por computadores, de forma que recorreremos às plataformas digitais Google Meet, Zoom, Microsoft Teams e Whatsapp para estabelecer contatos iniciais e constituir os contatos para a realização. Segundo Koznets (2014), a Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à

representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc.

Neste momento da pesquisa, buscamos construir uma rede virtual entre conversas de Whatsapp, entrevistas virtuais e participação em grupos de facebook. Esse material está ajudando a construir um campo virtual sobre as experiências de brasileiros na Alemanha. Assim, iniciamos os contatos para criar uma rede e realizar entrevistas na web, bem como acompanhar algumas páginas de brasileiros na Alemanha. Foram realizadas 22 entrevistas com homens e mulheres que emigraram entre 1971 e 2020, para os objetivos deste artigo selecionamos 4 (quatro) das entrevistas realizadas.

Diante do contexto, a pesquisa que, inicialmente, realizaria-se em Hamburgo tornou-se multissituada, contemplando entrevistas com imigrantes de várias cidades na Alemanha, que foram conectadas pelos contatos estabelecidos por intermédio das indicações das entrevistadas via web. Os cuidados éticos foram tomados para a não identificação das/os entrevistados/as. As entrevistas foram transcritas e os nomes dos entrevistados/as foram substituídos por nomes fictícios. Para os objetivos deste artigo analisaremos 4 (quatro) entrevistas que nos ajudam a compreender a configuração de famílias transnacionais.

### **3. A emigração de brasileiros para Alemanha**

A Europa emerge como destino de emigrantes brasileiros desde final dos anos 1980. Segundo Feldman-Bianco (2002), Machado (2005), Malheiros (2007), Padilha (2012, 2015), a migração de brasileiros para Europa iniciou-se no final da década de 1980, tendo como principal destino Portugal. Esse fluxo foi composto inicialmente por profissionais qualificados, dentistas, profissionais de informática e engenharia. Essa migração era predominantemente masculina e de perfil de classe média.

Conforme demonstra Peixoto (2007), Malheiros (2007), Padilha (2015), Assis (2018), Siqueira (2018), em meados da década de 1990, iniciou-se a denominada segunda vaga, com a presença de migrantes menos qualificados que se direcionaram para o mercado de trabalho secundário. Esse movimento se intensificou ao longo da década de 1990, com a inserção de setores das camadas médias baixas e a maior participação de mulheres.

Nos anos 2000, há uma intensificação do fluxo de brasileiros para a Europa. Esse fenômeno ocorre devido as medidas restritivas e maior securitização das fronteiras estadunidenses, pós-ataques de 11 de setembro de 2001, que dificulta o acesso e permanência dos brasileiros aos Estados Unidos. Além disso, a crise econômica que se iniciou nos EUA, em meados dos anos 2000, que se intensificou em 2008 (SIQUEIRA e SANTOS, 2012; MARGOLIS, 2013; ASSIS, 2018), contribuiu também para o redirecionamento dos fluxos migratórios rumo à Europa.

Portugal nesse contexto se torna um importante ponto de chegada de imigrantes

brasileiros, pois, desde 2001, há um incremento dos fluxos com uma importante participação das mulheres. A partir de Portugal, os destinos se diversificam e Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha, Irlanda - dentre outros países - passam a fazer parte da rede de migração brasileira. No caso da Alemanha, um fluxo esporádico desde a década de 1970 se amplia nos anos 2000. A perspectiva de viver em um país seguro com oportunidades de estudo para si e para seus filhos, trabalho e melhoria de renda tem aumentado a busca dos brasileiros para este destino. (Fürstenau, 2015, 2019). Essa intensificação do fluxo de brasileiros rumo à Europa tem sido acompanhada de um processo de feminização dos fluxos<sup>1</sup>.

Com relação aos dados que permitam mensurar a dimensão da presença de brasileiros na Europa e na Alemanha, destacamos que esses números são imprecisos, pois parte dessa migração é indocumentada, escapando ao registro nos países de destino e, no caso do Brasil, os registros são baseados em estimativas consulares. Os dados provenientes de registros consulares de 2016, disponíveis na página Brasileiros no Mundo, apresentam uma estimativa dos brasileiros no exterior. Estes registravam o seguinte contingente de emigrantes brasileiros: nos Estados Unidos 1.410.000, Japão 210.000 mil, Paraguai 332.042, Portugal 116.771 mil, Espanha 128.238 mil, Reino Unido 118.000 mil, Alemanha 95.000 mil, Itália 72.000 mil, França 70.000 mil, Suíça 81.000 mil, sendo esses os principais destinos dos emigrantes brasileiros. Segundo os dados do Censo Brasileiro de 2010, os principais destinos dos brasileiros que migram para o exterior são os EUA (23,8%) e Portugal (13,4%).

O interesse pela emigração para Alemanha tem crescido, principalmente por aqueles que buscam se qualificar através da inserção no sistema educacional alemão. (Fürstenau, 2015, 2019 e Carnicer, 2018). Nessa perspectiva, muitas mulheres migram levando seus filhos ou constituem famílias nesse território. Segundo Lidola (2014) os imaginários da Alemanha com cidades multiculturais se tornam um atrativo para esses migrantes.

Neste artigo, estamos buscando compreender como esses laços com o Brasil configuram famílias transnacionais. Entendemos famílias transnacionais como aquelas que constituem seus laços para além das fronteiras, mantendo relações afetivas, econômicas, culturais e de parentesco entre um ou mais países, a partir de várias práticas como visitas anuais, telefonemas, presentes que circulam, contatos via *Whatsapp* e outras que observamos nas famílias entrevistadas. Em síntese, práticas sociais que conectam aqueles

---

<sup>1</sup> A feminização dos fluxos migratórios é um fenômeno que se observa a partir da segunda metade do século XX e principalmente até a primeira década do século XXI, com o aumento significativo da participação das mulheres nos processos migratórios. Saskia Sassen (2003) observa que a feminização dos fluxos migratórios transfronteiriços deve ser compreendida no contexto da expansão da economia informal que favorece a flexibilização e desregulamentação da força de trabalho e cria as condições para absorver a mão de obra feminina e estrangeira. No entanto, acrescentaria que esse processo envolve também não apenas mulheres que se inserem nas redes transnacionais de cuidados, mas também aqueles que se inserem nas migrações por amor, como veremos nesse artigo. Sobre o processo de feminização dos fluxos migratórios, ver Anthias e Lazaridis; (2000); Padilla (2012); Frangella (2014); Assis (2014); Assis (2011); Lima, Togni (2012).

que partiram e aqueles que permaneceram numa rede de relações transnacionais. A noção de transnacionalismo converge com a noção de Schiller, Basch, Blanc-Szanton (1992, 1999) que afirmam que os migrantes contemporâneos não podem mais ser analisados apenas como temporários ou permanentes, mas como transmigrantes, pois constroem múltiplas relações entre as sociedades de origem e as sociedades de imigração, configurando um singular campo social. Neste sentido, esta noção pode ser aplicada para compreender as relações familiares em contextos transnacionais, como os que discutiremos neste artigo.

A noção de famílias transnacionais tem sido utilizada na análise de fluxos contemporâneos, buscando compreender como as famílias se recompõem no contexto da migração, assim estamos abordando esse conceito no diálogo com outros estudos, como o de Julia Cerda Cavajal (2014) que analisando famílias colombianas que migraram para Espanha sugere que:

Cuando hablamos de familias transnacionales nos referimos a complejas interacciones entre hijos, padres, sociedad receptora y sociedad de origen. Ésta persiste más allá de las fronteras nacionales, debido a que uno o varios de sus miembros se aparta de la unidad doméstica, pero continúa formando parte de la familia, sólo que de un nuevo tipo de ella<sup>2</sup> (CERDA CAVAJAL, 2014, p.80).

#### **4. A Alemanha: o país da imigração e o fluxo de brasileiros**

Desde a Segunda Guerra Mundial, emergiu na Europa um intenso fluxo imigratório que por vezes questionava as concepções de Estado-Nação que conhecemos (MARTENDAL; DA SILVA, 2022). Entre os países europeus, a Alemanha ocupou um espaço de notabilidade, a partir do recebimento de milhares de migrantes de diferentes nacionalidades (GREEN, 2013). Em diálogo com Green (2013) e Martendal; Da Silva (2022), não se trata somente da quantidade de pessoas recebidos no país; também diz respeito às transformações acontecidas nas formas de se enxergar aqueles que vêm de fora, o que, por consequência, repercutiu em mudanças das políticas institucionais referentes ao recebimento de imigrantes na Alemanha (MARTENDAL; DA SILVA, 2022). Dessa forma, Green (2013) caracteriza o país germânico enquanto um polo de imigração que está em transformação, visto que o panorama das últimas duas décadas tem como fator caracterizador as mudanças na estrutura política e social de recebimento de estrangeiros. É válido frisar que este olhar não pode ser hegemônico, pois não necessariamente foram sucessões de pontos de progresso para as condições dos imigrantes. Contudo, no geral, nota-se um impacto positivo (MARTENDAL; DA SILVA 2022).

Segundo Green (2013), pode-se pontuar que, após 1998, um compilado de leis compôs gradativamente este novo panorama imigratório no país. Leis que foram

---

<sup>2</sup> Segundo Cerda (2014), "quando falamos de famílias transnacionais nos referimos às complexas interações entre filhos, pais, sociedade de origem e sociedade de acolhimento. Estas relações persistem para além das fronteiras nacionais, devido a um ou vários membros que migram de sua unidade doméstica, mas mantém relações com a família, mas num novo tipo de família". adaptação livre dos autores.

projetando maiores possibilidades de residência para os estrangeiros no país<sup>3</sup>, além de medidas anti-discriminatórias, são alguns dos exemplos dessa mudança nas políticas de amparo aos migrantes. Em 2010, é possível afirmar que consolidava-se um contexto legislativo propício para o recebimento de imigrantes (MARTENDAL; DA SILVA, 2022).

Com a nova configuração no contexto legislativo migratório, também ficam mais perceptíveis as tensões e as negociações de identidades com a sociedade alemã, por parte desses sujeitos que encontraram na Alemanha o seu novo lar. No rol dos países dos quais vinham os migrantes, o Brasil é um deles, tendo consolidado seu fluxo sobretudo no início do século XXI. Como dito, este artigo analisará as brasileiras que deixaram o país para tentar a vida na Alemanha.

Glauco Feijó (2021) realizou um levantamento de várias bases de dados no Serviço de Estatística Alemão, tendo no processo de suas coletas selecionado e elaborado caracterizações da população brasileira na Alemanha. Devido a isso, vale trazer um breve perfil desses migrantes brasileiros. Feijó (2021) afirma que a população residente na Alemanha com histórico de migração vinculado ao Brasil consta de 85 mil. Existem situações que por vezes não são passíveis de serem contempladas por esses dados, tal qual o caso de brasileiros, descendentes de imigrantes, que tenham a cidadania alemã, ou que possuem outras nacionalidades europeias ou também o caso dos migrantes indocumentados. O número pode ser maior, e já é bastante significativo, sendo a Alemanha elencada como o quarto país de destino europeu mais procurado entre os brasileiros (BAHIA, 2013), ficando atrás somente da Inglaterra, de Portugal e da Espanha.

No caso da Alemanha, cabe destacar que esse fluxo desde o seu início caracteriza-se por ser bastante feminilizado. De acordo com Feijó (2021), as mulheres são maioria entre os brasileiros com maior tempo de residência no país. Acerca da idade, em 2019 a faixa etária dos migrantes era entre 25 a 55 anos. Feijó (2021) afirma que, devido a duração desse fluxo já ultrapassar duas décadas e a outras características importantes, como a inserção de brasileiros/as na sociedade alemã - a partir de contratos empregatícios e pedidos para residência no país - a consolidação da migração de brasileiros e brasileiras para o país tem-se mostrado como um fenômeno inegável. No gráfico abaixo, vê-se a feminização da migração na Alemanha.

---

<sup>3</sup> A adoção do princípio de *jus solis* (direito de solo) possibilitou que imigrantes conseguissem melhor se estabelecerem na Alemanha, constituindo família no país, já que esses direitos foram previstos em legislação.

Gráfico 1 Brasileiros e brasileiras na Alemanha, 1990-2019

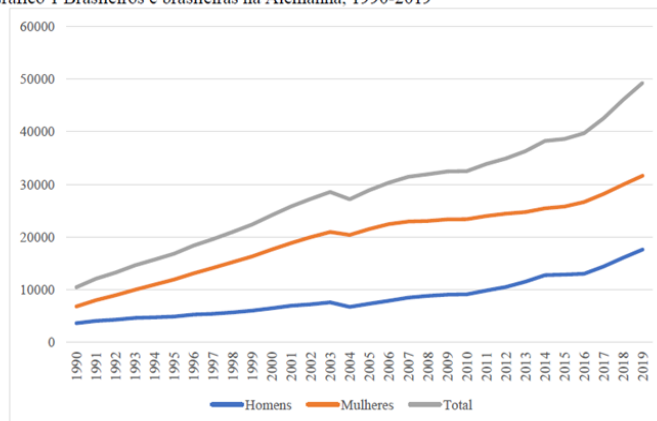


Gráfico 1. Fonte: Feijó (2021)

Em consonância a Martendal; Da Silva (2022, p.7), sobre o contexto imigratório na Alemanha, “a partir dos anos 2000 a estrutura foi moldando maiores possibilidades, entre elas a oportunidade de naturalização alemã aos imigrantes. Assim, a conjuntura influencia também o fluxo de brasileiros para a Alemanha.” Não é à toa que especialmente a partir do início do século XXI podemos localizar as migrações das nossas entrevistadas. Além disso, vale ressaltar que muitas das brasileiras entrevistadas se casaram com alemães e conseguiram a sua cidadania por intermédio do casamento.

Desde a Segunda Guerra Mundial, emergiu na Europa um intenso fluxo imigratório que por vezes questionava as concepções de Estado-Nação que conhecemos (MARTENDAL; DA SILVA, 2022). Entre os países europeus, a Alemanha ocupou um espaço de notabilidade, a partir do recebimento de milhares de migrantes de diferentes nacionalidades (GREEN, 2013). Em diálogo com Green (2013) e Martendal; Da Silva (2022), não se trata somente da quantidade de pessoas recebidos no país; também diz respeito às transformações acontecidas nas formas de se enxergar aqueles que vêm de fora, o que, por consequência, repercutiu em mudanças das políticas institucionais referentes ao recebimento de imigrantes na Alemanha (MARTENDAL; DA SILVA, 2022). Dessa forma, Green (2013) caracteriza o país germânico enquanto um polo de imigração que está em transformação, visto que o panorama das últimas duas décadas tem como fator caracterizador as mudanças na estrutura política e social de recebimento de estrangeiros. É válido frisar que este olhar não pode ser hegemônico, pois não necessariamente foram sucessões de pontos de progresso para as condições dos imigrantes. Contudo, no geral, nota-se um impacto positivo (MARTENDAL; DA SILVA 2022).

Segundo Green (2013), pode-se pontuar que, após 1998, um compilado de leis compôs gradativamente este novo panorama imigratório no país. Leis que foram projetando maiores possibilidades de residência para os estrangeiros no país<sup>4</sup>, além de

<sup>4</sup> A adoção do princípio de *jus solis* (direito de solo) possibilitou que imigrantes conseguissem melhor se estabelecerem na Alemanha, constituindo família no país, já que esses direitos foram previstos em legislação.

medidas anti-discriminatórias, são alguns dos exemplos dessa mudança nas políticas de amparo aos migrantes. Em 2010, é possível afirmar que consolidava-se um contexto legislativo propício para o recebimento de imigrantes (MARTENDAL; DA SILVA, 2022).

Com a nova configuração no contexto legislativo migratório, também ficam mais perceptíveis as tensões e as negociações de identidades com a sociedade alemã, por parte desses sujeitos que encontraram na Alemanha o seu novo lar. No rol dos países dos quais vinham os migrantes, o Brasil é um deles, tendo consolidado seu fluxo sobretudo no início do século XXI. Como dito, este artigo analisará as brasileiras que deixaram o país para tentar a vida na Alemanha.

Glauco Feijó (2021) realizou um levantamento de várias bases de dados no Serviço de Estatística Alemão, tendo no processo de suas coletas selecionado e elaborado caracterizações da população brasileira na Alemanha. Devido a isso, vale trazer um breve perfil desses migrantes brasileiros. Feijó (2021) afirma que a população residente na Alemanha com histórico de migração vinculado ao Brasil consta de 85 mil. Existem situações que por vezes não são passíveis de serem contempladas por esses dados, tal qual o caso de brasileiros, descendentes de imigrantes, que tenham a cidadania alemã, ou que possuem outras nacionalidades europeias ou também o caso dos migrantes indocumentados. O número pode ser maior, e já é bastante significativo, sendo a Alemanha elencada como o quarto país de destino europeu mais procurado entre os brasileiros (BAHIA, 2013), ficando atrás somente da Inglaterra, de Portugal e da Espanha.

No caso da Alemanha, cabe destacar que esse fluxo desde o seu início caracteriza-se por ser bastante feminilizado. De acordo com Feijó (2021), as mulheres são maioria entre os brasileiros com maior tempo de residência no país. Acerca da idade, em 2019 a faixa etária dos migrantes era entre 25 a 55 anos. Feijó (2021) afirma que, devido a duração desse fluxo já ultrapassar duas décadas e a outras características importantes, como a inserção de brasileiros/as na sociedade alemã - a partir de contratos empregatícios e pedidos para residência no país - a consolidação da migração de brasileiros e brasileiras para o país tem-se mostrado como um fenômeno inegável. No gráfico abaixo, vê-se a feminização da migração na Alemanha.

Gráfico 1 Brasileiros e brasileiras na Alemanha, 1990-2019

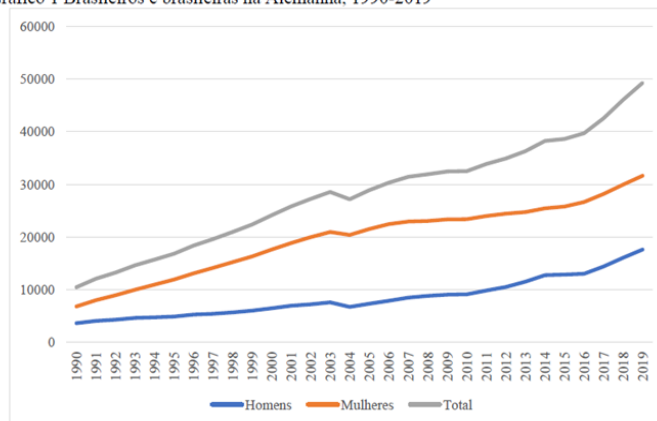


Gráfico 1. Fonte: Feijó (2021)

Em consonância a Martendal; Da Silva (2022, p.7), sobre o contexto imigratório na Alemanha, “a partir dos anos 2000 a estrutura foi moldando maiores possibilidades, entre elas a oportunidade de naturalização alemã aos imigrantes. Assim, a conjuntura influencia também o fluxo de brasileiros para a Alemanha.” Não é à toa que especialmente a partir do início do século XXI podemos localizar as migrações das nossas entrevistadas. Além disso, vale ressaltar que muitas das brasileiras entrevistadas se casaram com alemães e conseguiram a sua cidadania por intermédio do casamento.

## 5. As brasileiras vivendo na Alemanha: projetos migratórios, imaginários e configuração de famílias transnacionais

A migração, esse processo social que envolve o projeto, a decisão e a partida para tentar a vida em outro lugar, quando ocorre está sempre envolta em desejos e aspirações ou, dito de outra maneira, em projetos migratórios. Assis (1995, 1999) ao analisar a migração de brasileiros para os Estados Unidos denominou o desejo de ir para América como um projeto econômico, familiar e afetivo de “fazer a América” que envolvia aspirações de migrar e retornar ao país, após um período de tempo para realizar no retorno o projeto de comprar uma casa, um carro e montar um negócio. Esse era um projeto migratório comum aos emigrantes valadarenses, que muitas vezes não se realizaria no retorno (Siqueira, 2007). No início do século XXI, há uma ampliação dos fluxos de brasileiros e ampliação dos destinos, bem como diversificação desse projeto migratório. Assis (2011) analisando a experiência de criciumenses nos Estados Unidos demonstra como esse projeto econômico, familiar e afetivo se amplia e se modifica ao longo da experiência migratória. Neste ponto Assis (2011) retoma a noção de Gilberto Velho (1999) que a partir da análise do relato de uma imigrante portuguesa nos Estados Unidos, demonstra como os projetos migratórios se modificam ao longo do tempo e podem se diferenciar entre a geração dos pais e dos filhos.

A partir das trajetórias dos sujeitos, Velho (1999) demonstra que o projeto migratório pode ser vivenciado de maneira diferenciada pelos indivíduos que a compartilham, ou seja,

embora o projeto seja coletivo, ele não era vivido de modo totalmente homogêneo por todos. Para o autor as diferenças de interpretação ocorrem devido a particularidades de status, trajetória, e, no caso de uma família, de gênero e de geração.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir de delineamentos mais ou menos elaborados de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros grupos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. (VELHO; 1999, p.47)

No caso da migração de brasileiras para a Alemanha, analisadas nesse artigo, o projeto migratório se diferencia dos projetos de brasileiros para os Estados Unidos ao longo das décadas de 1990 e no início dos anos 2000. Diferentemente destes projetos que envolviam migrar para retornar e concretizar uma mobilidade social no Brasil, essas imigrantes não têm definido um projeto de retorno e tem como aspiração realizar projetos educacionais na Alemanha, ao mesmo tempo que mantém laços e vínculos afetivos, econômicos e culturais com o Brasil.

Neste sentido os seus projetos migratórios, para além das motivações econômicas (a busca de uma qualidade de vida melhor, por meio de trabalhos melhor remunerados), estão presentes também elementos relacionados a mudanças de estilo de vida, a busca de novos laços afetivos e conjugais (“migração por amor”), a diversificação de experiências (como o conhecimento e a vivência de outras realidades sociais, o contato com outras culturas) e projetos educacionais (por meio do ingresso em cursos superiores e pós-graduações).

Nesse sentido, consideramos importante mobilizar a noção de capital cultural<sup>5</sup>, mas incorporando na sua discussão novas possibilidades de operar com esse conceito. As trajetórias migrantes aqui analisadas, são bastante instigantes se pensadas à luz das transformações recentes na forma de reprodução cultural das classes sociais. De acordo com Zaia Brandão (2010, p. 238), as transformações mais recentes no campo cultural alteraram o padrão típico de superioridade cultural,, tal como foi bem analisado por Pierre Bourdieu na elite francesa dos anos 1960 e 1970, a qual tinha como base a posse de títulos acadêmicos, a cultura livresca e a incorporação de saberes da chamada “alta cultura”. Nesse sentido, o estudo desenvolvido por Zaia Brandão sobre elites escolares é aqui particularmente útil, ao identificar as mudanças no capital cultural como estando relacionadas à aproximação do comportamento das elites com a cultura do consumo e com a diversificação das experiências num mundo cada vez mais globalizado, e ao domínio dos meios para acessar a esse mundo.

---

<sup>5</sup> Tal conceito é fundamental na obra de Pierre Bourdieu. Foi desenvolvido originalmente para explicar a correlação estatística existente entre a origem social do aluno (e o nível de escolaridade dos pais) e seu desempenho escolar. Tomando de empréstimo do pensamento de Marx, Bourdieu aplica a noção de “capital” à dimensão cultural, com a qual procura explicar a desigualdade entre as classes sociais na “produção, distribuição e consumo de bens capazes de render dividendos, ou seja, de proporcionar lucros simbólicos a seus detentores” (NOGUEIRA, 2017, p.104).

A peculiaridade das trajetórias migrantes aqui analisadas está inserida no bojo dessas transformações, das quais o cosmopolitismo das classes populares é uma das suas faces (HANNERZ, 1990). Esse desejo de uma vida melhor é evidenciado nas motivações das entrevistadas, migrar para Alemanha, além de melhoria das condições de vida, expressa o desejo de viver num lugar mais tranquilo, com qualidade de vida e acesso a educação de qualidade, seja para si ou no momento da chegada dos filhos e também um lugar que acesse a vida na Europa com tudo que pode oferecer de acesso a uma vida cosmopolita. A chegada dos filhos impacta no projeto migratório, pois modifica a expectativa temporal ampliando o tempo de permanência e redefinindo os planos de retorno. Nos depoimentos das entrevistadas com a chegada dos filhos, os projetos de retorno ao Brasil foram se estendendo temporalmente, pois a perspectiva de inserção numa escola pública de qualidade, quando comparada com a Escola pública no Brasil, e o acesso a outros sistemas de seguridade social, pesaram na escolha de permanecerem na Alemanha. Assim veremos nas trajetórias que passamos a apresentar, as trajetórias de Larissa, Fabiana, Ana Luíza, Silvânia e Angelina evidenciam os imaginários em relação a Alemanha, os projetos migratórios e a construção de laços transnacionais.

## **6. Larissa (54 anos, ensino superior)**

A entrevistada Larissa realizou o que chamamos de migração por amor (LIMA; TOGNI, 2012). Trabalhando como secretária executiva, ela conheceu aquele que futuramente seria o seu esposo, Frank, nascido na Alemanha. Eles namoravam enquanto ele esteve no Brasil, trabalhando com ela; apaixonaram-se e ela passou férias na Alemanha com ele, sendo pedida em casamento. Retornou ao Brasil por alguns meses, comunicando-se por telefone com o amado, até que decidiu mudar-se para Alemanha e se casar com seu companheiro Frank, em 1993.

Larissa fala que a saudade da família foi uma das dificuldades durante sua experiência migratória, pois sempre foi bastante próxima da família.

L: E as dificuldades é a saudade em primeiro lugar, porque nunca tinha ficado tanto tempo longe da família, o idioma que eu tive que aprender, tive que fazer minha carteira de motorista também, minha habilitação, tive que fazer logo, eu não entendia alemão, então nas aulas teóricas eu ficava só olhando e fazendo assim com a cabeça (move a cabeça), pensando “o que será que ele tá falando?”, foi muito difícil, hoje em dia eu vejo muitas pessoas nas redes sociais reclamamos que alemão é muito difícil, que alemão é isso, que alemão é aquilo, mas as pessoas não têm noção do que é você está sem internet, sem família, só podendo usar o telefone, ligar uma vez por semana porque era caríssimo, não tinha esses números mais baratos que você ligar, não tinha nada disso, naquele tempo, então, eu escrevi muitas cartas. (Entrevista realizada por AUTOR (A), novembro de 2021)

Além da questão da língua ser um dos desafios enfrentados, para lidar com a saudades da família, Larissa mencionou que escrevia e trocava cartas com seu pai e sua mãe, e que as têm guardadas até hoje, fazendo também, naquela época - durante a década de

1990 -, ligações telefônicas esporádicas. Esse laço com sua família no Brasil, com as trocas de cartas, mostra uma face das configurações de famílias transnacionais, em que as conexões familiares se dão de outras formas que não as convencionais. Ou seja, Larissa escrevia sobre o cotidiano e as saudades lá na Alemanha; e seus familiares a retornavam falando sobre a vida no Brasil, criando esse campo subjetivo que vai além das fronteiras e reelabora os vínculos da família. Por laços familiares transnacionais<sup>6</sup> estamos considerando as múltiplas relações estabelecidas entre os imigrantes e aqueles que permaneceram no país de origem através das cartas, telefonemas, visitas, envio de presentes e remessas, trocas afetivas e materiais que criam o que Nina Glick-Schiller, Blanc e Szaton (1992) denominam singular campo social que conecta aqueles que partiram e aqueles que ficaram em relações que ultrapassam as fronteiras nacionais e que estendem os laços familiares entre um ou mais lugares.

Nas migrações, antes do 'boom' das telefonias e da internet, as cartas tiveram papel muito importante para a reconfiguração dos laços familiares entre as pessoas que migravam e aquelas, suas familiares, que ficavam, especialmente nos séculos XIX até meados do XX (1995). Com a intensificação da globalização é que o cenário foi cada vez mais se alterando, emergindo novas tecnologias que se intensificaram sobretudo no fim do século XX e início do século XXI (FEIJÓ, 2021).

G: Você escrevia cartas?

L: Muitas, eu tenho todas as cartas que minha família mandou, que meus amigos me mandaram, eu tenho todas.

G: Não acredito!

L: O meu pai me escrevia uma semana contando um diário e tal da família toda, na semana seguinte era minha mãe que escrevia, eles revezavam, e eu escrevia toda semana contando das minhas descobertas, dos erros que eu cometi, dos meus medos, da saudade e tudo mais.

G: Ai que bonito, hein, como é que foi isso? Você tem as cartas do teu pai também? da sua mãe?

L: Tenho todas, tenho tudo. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Atualmente, as conexões de Larissa com seus familiares e amigos no Brasil não acontecem mais por meio das cartas. Além de visitas esporádicas, a constituição desses laços familiares transnacionais se mantém nos dias de hoje a partir das novas formas de comunicação, como o *WhatsApp*. Larissa comenta a transformação dos meios de comunicação ao longo de sua trajetória migratória:

G: E como é que chega umas notícias do Brasil para você? Como é que você se mantém em contato com o Brasil?

L: Eu leio muito na internet, converso também com outras brasileiras, ou a família dá uma notícia ou outra, e ainda tenho amigos no Brasil.

---

<sup>6</sup> Consideramos a noção de famílias transnacionais aquelas "cujos membros vivem distantes a maioria do tempo, mas que juntos querem atingir o bem-estar comum/coletivo, baseado na união/unidade, mesmo além das fronteiras" (Bryceson e Vuorela, 2002:3)

G: Como é que você se mantém contato com eles agora?

L: WhatsApp é muito bom né, porque você pode trocar mensagens, você pode fazer chamada com vídeo, tá sempre ali né.

G: E como é que foi essa sua transição das cartas para o WhatsApp? Para o Skype? Para o e-mail? Como é que você foi se adaptando a isso?

L: As cartas, como eu disse, os meus pais escreveram, aí o meu pai faleceu e a minha mãe começou a escrever mais devagar, ela foi deixando, e daí já tava mais fácil para telefonar, a gente se falava muito por telefone, depois ela adoeceu, ficou 4 anos na cama, aí ela não conseguia mais escrever, não fazia mais nada, e com as outras pessoas aí foi entrando primeiro Orkut, depois foi o Facebook, WhatsApp, e aí foi indo, realmente não recebo mais cartas, infelizmente. (Entrevista realizada por AUTOR (A), novembro de 2021)

Além dessa adaptação com os novos meios de comunicação, que permitem o contato com amigos e familiares no Brasil, notamos outras formas de se relacionar com o país de origem. O afeto ligado à comida brasileira que Larissa fazia parte de sua alimentação cotidiana no Brasil, por exemplo, são centrais nos encontros com outras mulheres brasileiras. Maria da Graça Brightwell (2010), analisando como os brasileiros em Londres reproduziam espaços de sociabilidade a partir da comida brasileira, revela como ela é importante para reconstrução das identidades e para “matar as saudades” no contexto da migração transnacional. No caso de Larissa, da mesma forma, essas reuniões são também um fator fundamental, pois permitem espaços em que conversam em português, dividem suas angústias e saudades do Brasil e reúnem seus filhos.

G: Vocês têm um grupo virtual? Vocês têm um grupo de mulheres brasileiras? É isso que eu tô curiosa, ou vocês se encontram ocasionalmente?

L: Ocasionalmente, ou quando eu faço aniversário eu chamo todas.

G: E quando você faz as festas você faz comida brasileira? Como é que é? Comida brasileira? Comida alemã?

L: É muito legal, porque é só coisa brasileira e geralmente uma traz brigadeiro, outra traz beijinho [...] outra leva kibe, outra leva coxinha e assim a gente faz a festa. (Entrevista realizada por AUTOR (A), novembro de 2021)

Mesmo longe, esse sentimento de pertencimento ao Brasil é, desse modo, reconstruído e ressignificado durante a experiência migratória sobretudo a partir da relação com outras brasileiras e também com a socialização de pratos e iguarias considerados tipicamente brasileiros. Larissa, além disso, menciona que em sua casa não pode faltar arroz e feijão, pois ela, seus dois filhos e inclusive seu marido gostam muito. Assim, em seu cotidiano na Alemanha, nota-se que essa questão cultural é parte dos laços com o Brasil, o que reforça esses vínculos com o país de origem que vão para além da distância Atlântico afora, constituindo um forte componente da reconstrução do processo de identificação com o Brasil.

G: E o seu projeto agora... em algum momento você teve um projeto de retornar ao Brasil? De passar um tempo no Brasil? Você e o seu marido já pensaram sobre isso? Como é essa ideia? Ou seus filhos?

L: Antes dos meus filhos terem namoradas, eles diziam que iam morar no Brasil (risos), antes, hoje em dia não mais, e meu marido no começo queria muito ir para o Brasil, inclusive teve uma oportunidade de trabalho em Belo Horizonte, o nosso

filho mais novo era bem pequenininho e o mais velho tava no primeiro ano de escola, tava no segundo ano escolar, não teria tanto problema pelo fato dele dominar o idioma, mas acabamos colocando no lápis os prós e os contras e acabamos ficando aqui, e eu não me arrependo nem um pouco, eu não tenho vontade e ele agora também não mais, tanta coisa que a gente vê e, claro, que nem todas as notícias são verdadeiras, tem muita fake News, tem muita coisa né, mas pelo fato da gente conversar com as pessoas que estão vivendo aí, a gente ouviu tanta coisa negativa, que eu acho que foi melhor ter ficado aqui sim, principalmente pelo futuro dos meninos né, pela escolaridade que eles tiveram oportunidade de ter aqui. (Entrevista realizada por AUTOR (A), novembro de 2021)

A mudança na expectativa temporal é importante para repensar os projetos de retorno ao país. No caso de Larissa, quando os filhos crescem e estabelecem relações na Alemanha a perspectiva de retorno se modifica. Contribui para isso também os imaginários acerca do país e a comparação com as oportunidades educacionais no Brasil e na Alemanha, que pesaram na decisão de permanecer no país de emigração.

## **7. Fabiana**

A migração de Fabiana (44 anos) também pode ser denominada de migração por amor - migrações ocorridas dentro de projetos afetivos que envolvem relacionamento com cônjuges de outra nacionalidade e que implicam num casamento transnacional (ASSUNÇÃO, 2016). Quando estava nos estágios finais do seu curso superior de Biologia no Brasil, Fabiana conheceu Franz, um agrônomo alemão que veio prestar serviços à universidade que ela frequentava. Ela afirmou que nunca havia pensado em migrar, muito menos para a Alemanha, em suas próprias palavras. Mas, isso mudou quando começou a namorar com Franz. Eles rapidamente se apaixonaram e decidiram se casar quando ainda estavam no Brasil. Os planos não eram ir para a Alemanha, todavia isso mudou quando, após um ano de casados, o contrato de Franz chegou ao fim e ele precisou retornar ao seu país pois como imigrante no Brasil, já que não conseguia trabalho que correspondesse a sua qualificação. Nessas circunstâncias, Fabiana migrou junto de seu marido, em 2004. O casal, até o momento da entrevista, constituiu uma família com 3 filhos - duas meninas e um menino.

Fabiana menciona na entrevista que a saudade de familiares no Brasil e as dificuldades do início do percurso migratório foram momentos de bastante dificuldade vivenciados por ela. Sobre a forma de lidar com a saudade, é interessante o modo que Fabiana conta sobre como convive com a saudade no decorrer dos anos que se passam:

F: Então, no início... acredito que isso acontece com a maioria, **no início o contato era muito maior, minha mãe tava vindo, tava ligando todo dia**, conversava com a minha mãe, conversava com a minha irmã todo dia, **o contato era muito maior**, até que aos poucos o contato foi diminuindo, e não porque a saudade diminui mas porque a falta, aquele vazio vai diminuindo, então assim, a princípio a intenção era ir todo o ano para o Brasil, aí foi diminuindo, foi aumentando a quantidade de gente na família, foi ficando até mais difícil financeiramente.... então passou a ser a

cada dois anos, a cada dois anos eu tava indo ao Brasil, aí eu matava a saudade do Brasil, eu lembro que eu já trouxe até dez quilos de açaí pra Alemanha... então assim, **tudo pra matar a saudade a gente traz, a gente leva as lembrancinhas e volta com a mala cheia** pra ver se né, ou então quando alguém vem pra cá não pode vir com a mala vazia de jeito nenhum, tem que trazer goiabada, tem que trazer...(Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2020)

É interessante que Fabiana enfatiza o fato de a saudade não diminuir. Menciona que no início as ligações eram mais frequentes, mas isso não quer dizer que não sinta falta de sua família ou do Brasil. É notável que Fabiana e aqueles que ficaram no Brasil reestruturaram a forma de se relacionarem, o que caracteriza aquilo que chamamos de famílias transnacionais. As viagens, por exemplo, são parte disso, mesmo que com menor frequência por conta da família ter mais membros.

Além disso, chama a atenção que “tudo pra matar a saudade a gente traz”. Em outro trecho, sobre a comida que permeia o cotidiano de sua casa, Fabiana diz “o que predomina aqui é o arroz com feijão e aí vem as outras coisinhas né. [...] as minhas filhas também amam paçoca”. Em diálogo com Maria da Graça Brightwell (2018), como também vimos no caso da entrevistada Larissa, a comida é um mecanismo para lidar com a distância física do Brasil e de seus familiares. Assim, é uma forma encontrada por Fabiana para reconstruir sentidos de brasilidade na Alemanha, a partir da ressignificação de comidas típicas do Brasil, no intuito de, também, amenizar as saudades.

Quando perguntada sobre situações de discriminação, se teria sofrido alguma, Fabiana afirma que não. Em outro momento da entrevista, contudo, ao falar da experiência escolar de suas filhas, trouxe à tona sobre uma situação vivenciada por sua filha mais velha, Karina. Na escola em que a menina estudava, chamaram-na de ‘brasileirinha’.

F: [...] e aí as primeiras notas dela foram notas muito boas, mas aí depois que ela começou a sofrer esse bullying aí, as notas dela caíram muito. Eu lembro que eu marquei reunião com o pedagogo né. O pedagogo, marquei com ele, a gente conversou, mas nada melhorou, nada deu certo... aí chamavam a Karina de *brasileirinha*, só que na sala também tinha filhas de italiano, de gente de Portugal, tinha uma gente de México também, e não sofria esse bullying, era um negócio que foi com a Calina mesmo. [...] Ela chegava em casa chorando, então assim, do nada ela começava a chorar, ela tava extremamente irritada, ela tava extremamente nervosa (Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2020).

Nota-se como essa fase de Karina na escola foi difícil, o que nos faz refletir sobre as dificuldades que atingem especialmente aqueles que estrangeiros, nesse caso usando um termo no sentido pejorativo para descrever Karina. Mesmo que Fabiana não tenha falado de nenhuma experiência diretamente sua de discriminação, foi possível perceber como esse caso de sua filha gerou estresse para a menina e também para a família no geral. Apesar disso e também da saudade do Brasil - frisada por Fabiana em vários momentos da entrevista -, quando perguntada sobre a possibilidade de voltar ao seu país, ela diz:

F: Eu acho que agora a vida é aqui mesmo, é aqui na Alemanha mesmo, mas assim, a gente queria muito ter essa condição de ir sempre ao Brasil, não de ficar assim

dois anos, três anos sem ir ao Brasil, a gente queria que esse contato com a família, com a minha cultura fosse mais vezes, porque assim, dois anos é muito tempo, três anos é muito tempo...(Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2020)

O projeto migratório de Fabiana, como é observável, alterou-se. No momento que migrou, imaginava que seriam no máximo 4 ou 5 anos na Alemanha. Agora, mais de quinze anos depois, com a vida estabelecida no país, não se concebe voltando a morar no Brasil. Fabiana teve algumas experiências de trabalho esporádicas e atualmente é autônoma, atuando com divulgação de cuidados com a pele - a partir de indicações de produtos dermatológicos - pelo *Instagram*. Além disso, tem seus três filhos e também a família de seu marido alemão. Dessa forma, estendeu sua estadia na Alemanha. Mesmo que sejam dolorosas certas experiências, como a dificuldade inicial de Fabiana no início de seu percurso migratório - por conta de frio e saudades, por exemplo - e também a experiência de discriminação da filha mais velha na escola, a Alemanha continua a representar um melhor horizonte de expectativas de vida na percepção de Fabiana.

## **8. Ana Luiza**

Ana Luiza (44 anos) desde muito cedo teve ligações com a cultura alemã. Seus pais brasileiros se conheceram e se casaram na Alemanha. Ele, um militante político exilado. Ela, uma brasileira negra que havia migrado para trabalhar como AuPair. No regresso ao Brasil, sua mãe se formou em Letras – Alemão e se tornou professora de alemão. Educou seus filhos numa escola Waldorf, onde é ensinado alemão, e encaminhou seus filhos para intercâmbios no exterior – a escola tinha intercâmbio com a Alemanha.

O projeto educacional perpassando a trajetória migratória de Ana Luiza está relacionado com um histórico familiar: O seu pai, um descendente de japoneses, muito ativo politicamente no movimento estudantil no período da ditadura, quando da experiência do exílio teve recomendação de vir estudar alemão. Com bolsa de estudos, veio para a Alemanha e conheceu a mãe de Ana Luiza, que trabalhava como *Aupair*. Casaram-se, e tiveram seu irmão na Alemanha, 1971. Até hoje, eles mantêm laços de amizade com a família para quem a mãe trabalhou, (que já está na terceira geração. Arrumou ainda um casamento de um dos filhos da família alemã. O Irmão nasceu na Alemanha e eles se registraram no Brasil.

Depois de concluir o ensino médio em São Paulo (na escola Waldorf) e já tendo um bom domínio da língua alemã, Ana Luiza decidiu fazer o curso superior na Alemanha. Não via possibilidades de estudar no Brasil, pois aqui teria que trabalhar e estudar.

já na adolescência, eu achava a cidade muito grande, muito desumana, eu via assim meus amigos... para estudar eu também teria que trabalhar e aí você fica nessa loucura, uma cidade muito urbana né, que exige muita renda para você ter uma autonomia em São Paulo, como adolescente é muito difícil, e aí eu teria que estudar e também trabalhar bastante, e eu falei "não vou ficar nessa coisa de trabalhar 40 horas, trabalhar à noite, ou trabalhar de dia estudar à noite e fazer assim minha

faculdade". Eu sempre achei uma cidade muito urbana, com pouca possibilidade de lazer, eu já tinha vontade de sair de São Paulo, então quando eu me formei eu ainda viajei um pouco, fui para Bahia, descobri um pouco assim o Brasil e aí me cansei, óbvio, depois de um ano viajando eu falei "aí preciso fazer alguma coisa" e aí já era claro que eu queria sair do Brasil, tentar uma coisa fora. (Entrevista realizada por AUTOR (A), setembro de 2021)

É dessa expectativas que emerge em sua vida projeto de migrar:

Eu já tinha saído de casa e voltei bem focada assim: "eu vou para Alemanha, tentar estudar na Alemanha", e eu assim pela minha personalidade sempre quis ser muito autônoma né, nunca gostei de depender, sempre procurei ficar independente dos meus pais logo, eu cheguei em São Paulo vindo da Bahia, eu trabalhei, trabalhei em feiras para juntar dinheiro assim e fiquei estudando autônoma também o alemão (Entrevista realizada por AUTOR (A), setembro de 2021)

Valeu-se do domínio da língua para criar meios de migrar. Trabalhou em promoção de eventos. Migrou em 1996, ocasião em que fez um seminário na área de recreação. Teve bolsa de estudos: para isso, contou com o apoio da mãe:

Era um seminário na verdade que era voltado para professores de escolas estaduais que queriam conhecer a pedagogia da escola, e aí minha mãe já tem toda essa biografia, tinha né, com a escola e fundou o trabalho também no Brasil com a escola, com essa pedagogia. Eles têm essa abertura, daí, né, eu também frequentei a escola, e eles queriam pessoas que estejam multiplicando né? Eu vejo assim, eles me aceitaram, me deram bolsa e aí eu vim para Berlim, fiz esse seminário e ganhava dinheiro fazendo esse trabalho já numa escola, na área de recreação, não na área da escola, mas na recreação. Foi isso e o seminário demorava dois anos e eu fiz um ano (Entrevista realizada por AUTOR (A), setembro de 2021)

Voltou em 1997 por conta de um namorado e devido à necessidade de regularizar o seu visto de permanência na Alemanha. Para poder permanecer na Alemanha, decidiu fazer uma carreira acadêmica. Teve dificuldades tanto com a língua como com a cultura alemã. Não sendo de uma família rica, também precisava lutar para sobreviver: "Trabalhava em restaurante, trabalhava aqui, fiquei me mantendo sozinha, mas foi bem difícil. Trabalhei, estudei".

Fez um curso numa escola técnica na área de pedagogia para trabalhar com recreação de crianças ("para ser jardineira, né, não é para ser professora"), mas esse curso não concedia visto. Decidiu então fazer universidade (mediante a qual poderia obter visto), tendo então que cursar novamente um ano de qualificação para estar apta a ingressar na universidade. Fez o doutorado. Durante o curso se casou e teve filhos com um outro imigrante que também era estudante na Alemanha. Fez uma qualificação de um ano na Alemanha para poder ingressar na universidade. No curso conheceu o seu atual marido.

Em janeiro de 2000 ingressou no curso de Pedagogia Social, e após, para poder permanecer na Alemanha, deu início ao curso de doutorado.

Tem dois filhos e não tem projeto de retorno ao Brasil, mas tal como Silvânia, faz

questão de manter laços com o Brasil:

Eu sempre voltei, todo ano, eu sempre fiz férias no Brasil todos os anos e depois que começaram a vir os filhos, eu fiquei com o meu marido, nós fomos 7 anos juntos sem filhos, com os filhos também, todo ano, depois que virou dois filhos aí de dois em dois anos, porque a passagem é muito cara, é uma viagem cara, e aí eu sempre procurei ir de dois em dois anos, agora com a pandemia a gente ficou com o intervalo um pouco maior, esse daqui já tá 3 anos, (aponta para o filho atrás), foi em 2018. A última vez que a gente foi junto, e esse ano eu fui sozinha na pandemia, já não levei as crianças por causa da pandemia, o Milan é o mais novo, que vai fazer nove anos agora, ele cortou o ritmo de 2 anos, 18, 19, 20, 21, já tem 3 anos que ele foi para o Brasil, pois é... Aí eu, mãe, tive esse contato indo para o Brasil, levando as crianças para o Brasil, sempre achei muito importante, assim com a minha mãe e com meu pai, e minha mãe sempre veio para cá, ela vinha todo ano, ela passava as férias de verão aqui, e eu sempre assim alguma vez ficava um mês, então a gente manteve assim (Entrevista realizada por AUTOR (A), setembro de 2021)

A Alemanha fica entre a Sérvia e o Brasil se tornando um ponto de encontro entre essas duas famílias transnacionais. Ana Luiza parece ser resultado de uma família transnacional. Sua trajetória permite pensar a educação transnacional incorporando a dimensão geracional. Houve um projeto de migrar que era de sua mãe, que trabalhou como Aupair na Alemanha. Retornou ao Brasil, mas com a perspectiva de retorno dos filhos à Alemanha: todos fizeram intercâmbio. Ana Luiza, segunda geração, casou-se com um estrangeiro na Alemanha, e mantém laços com os dois países de origem da família (Brasil e Sérvia).

A motivação de migrar de Ana Luiza pode ser atribuída à educação em uma família com experiência migratória. Não querer viver o cotidiano típico de jovem de classe trabalhadora de uma metrópole como São Paulo ("trabalhar de dia e estudar à noite") fez Ana Luiza vislumbrar na migração uma possibilidade de mudança de estilo de vida. Nesse sentido, seu relato destaca como sempre buscou a independência, e como enfrentou dificuldades e aventurou-se nas suas escolhas. Tinha meios para migrar (a língua) mas também buscou os meios necessários (com todas as dificuldades apresentadas em seu relato) para construir uma trajetória migratória com base nos estudos.

## **9. Silvânia**

Silvânia, 54 anos, no momento da entrevista, viveu outra experiência migratória antes de ir para a Alemanha. Mulher negra vinda de famílias de camadas populares de uma cidade no interior do Espírito Santo. Emigrou primeiro para os Estados Unidos, onde viveu durante 07 anos. Queria trabalhar e estudar inglês o que se revelou muito difícil, mas foi com um curso de inglês em Harvard, que conseguiu ao retornar ao Brasil, se inserir no mercado de trabalho com conhecimento de inglês e concluir o curso superior se tornando secretária bilingue.

Em seu projeto migratório sempre esteve presente o estudo. Migrar significava se

qualificar de modo diferenciado. Pode ser atribuído ao investimento de seu pai que só comprava roupas uma vez por ano para os filhos, mas que não deixava faltar comida e livros. Sofreu racismo na escola (“era a única negra”). Talvez por isso, o estudo seria um meio de sair dessa realidade, “daquele mundinho” de cidade do interior do sudeste brasileiro:

naquela época, pra cê ter uma ideia, na empresa que eu trabalhava quem casava tinha que pedir conta, e eu não conseguia me ver ali [...], naquele mundinho, naquele ciclo vicioso. Naquela época, minhas colegas se casavam e pediam conta. Quando eu saí de lá aí estavam começando a abrir mentalidade, só que eu não ia esperar, eu queria uma coisa diferente. Foi quando surgiu a oportunidade dos Estados Unidos, que ninguém acreditava que eu iria, mas eu fui (Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2021).

Querida também conhecer outros países: isso fazia parte também do seu projeto migratório: ampliar seu leque de experiências, conhecer o mundo, outros países, outros idiomas. Como secretária bilíngue trabalhou numa multinacional onde conheceu seu marido, um alemão que veio trabalhar por um tempo no Brasil e de quem depois de um tempo de namoro até que no momento do retorno a Alemanha, a convidou para ir para lá.

Com as falas de “você é louca, ele vai te explorar”, ela deixa tudo e vai para Alemanha com Kurtz. E passa a ter a vida de uma esposa de expatriado, pois migra para vários lugares (China, Índia, Malásia) antes de finalmente ir para a Alemanha. Nesse período, fica exclusivamente cuidando do filho, pois não consegue trabalho por só falar inglês e português. O filho hoje está com 16 anos.

Aqui na Alemanha eu era a estrangeira, eu era o incômodo, eu era aquela que tava entrando na zona de conforto do alemão, aquela comunidade. Hoje em dia depois que muitos imigrantes vieram para cá, a gente tropeça na rua com negros, turcos, com árabes, né? Mas antes não. Antes eu era a negra, no meio do branco, tá entendendo (Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2021).

Manteve (e mantém) laços com o Brasil, pois revela ter forte relação com a família. Viaja todo ano para o Brasil. Seu marido é compreensivo, viveu 5 anos no Brasil, e sabe como é a sua relação com a família, e sua necessidade de ir constantemente ao Brasil “para recarregar a energia”. Revelador dessa relação também é o vínculo de seu filho com o Brasil. O casal fez questão de concebê-lo no Brasil, mesmo sabendo que era certa a migração para a Alemanha. Seu filho, embora tenha migrado aos 3 meses e nunca mais regressado para viver no Brasil, se considera brasileiro.

Também ressalta a importância das novas tecnologias para manter esses laços.

Silvânia: Agora meus pais, não tem condições de vir, não. Aí a gente que vai visitá-los. E hoje em dia, quando a gente morava nos Estados Unidos, nosso contato era através de carta e telefonema, hoje em dia você liga no Whatsapp, você está conversando com eles né? Quer dizer, a tecnologia nessa área vem para facilitar a comunicação.

Pergunta: Você enviou muitas cartas para o Brasil nos 7 anos?

Silvânia: Nossa vida, muitas cartas era a comunicação né? Mas hoje em dia é tudo no dedinho, manda mensagem, conversa, vídeos, a gente acompanha através do vídeo como eles estão. Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2021).

Os laços com o Brasil fazem parte de um projeto que envolve a geração dos filhos, não apenas com forma de transmitir o aprendizado de um novo idioma. Considera importante também a manutenção dos laços, a experiência do convívio com os familiares:

E sempre fiz questão de manter o relacionamento com meus pais e a minha família. A gente tem um vínculo bem íntimo com os familiares e eu sempre tive esse propósito. Que quando o meu filho... Eu conheci várias crianças que iam visitar o Brasil e chegavam lá e não conseguiam se comunicar com ninguém e era horrível para a criança e era horrível para os familiares. Então eu quis que o meu filho fosse diferente da história dele. E realmente é muito legal. Claro que eles falam que o meu filho fala com sotaque, eu não percebo. Mas a gente tá no Brasil e eles falam que eu falo português com sotaque, eu acho interessante isso. Assistir um filme quando todo mundo tá rindo, ele demora um pouquinho para pegar, tá entendendo? Ele convive aqui comigo, mas é diferente da coletividade. Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2021).

Consequência disso é a forma com ela relata a forma que seu filho se coloca na questão da nacionalidade:

Eu sei que sou 50% alemão, mãe, pelo lado do meu pai, mas eu sou brasileiro", tá entendendo? Ele guarda aquele orgulho, não é aquela questão "poxa eu tô no meio dos alemães e tenho duas nacionalidades, então eu sou alemão", tá entendendo? "Não, eu to aqui no meio dos alemães, numa escola alemã, com todo mundo falando alemão, eu estou estudando aqui, mas eu sou brasileiro". Tá entendendo? Entrevista realizada por AUTOR (A), outubro de 2021).

Na Alemanha, gosta de conviver com brasileiras, pelo prazer de falar a sua língua. Prefere viver na Alemanha, que é onde construiu sua vida.

A experiência migratória de Silvânia ampliou o seu capital cultural: viveu em diferentes países, estudou e domina hoje diferentes idiomas. Esse capital cultural aparece em nova forma, não como conhecimento livresco, mas como incorporação de experiências e novas informações, ou como um capital informacional, no sentido atribuído por Zaia Brandão (2010). Discutindo sobre novas possibilidades de se operar com o conceito de capital cultural, essa autora observa em escolas de prestígio do Rio de Janeiro observou após entrevistas com pais, professores e alunos, que suas práticas sociais distanciaram-se daquelas apontadas por Bourdieu pelas elites culturais francesas das décadas de 1960 e 1970 (BRANDÃO, 2010, p. 234). As elites culturais incorporaram muito mais elementos da cultura de consumo, com a vida social desses segmentos demandando "um tipo de conhecimento permanentemente atualizado que articule o nível local aos cenários mundiais/globais" (IDEM, P. 234), o que a autora designa como um aumento no volume do capital informacional, o que pode ser relacionado (como bem observa a autora em seu artigo) com o que Ortiz já analisava nos anos 1990: "A oposição 'cultura erudita' x 'cultura popular' é substituída por outra: 'os que saem muito' versus 'os que permanecem em casa'. A mobilidade, característica da vida moderna, torna-se sinal de distinção". (ORTIZ, 1994, p. 211)

Na história de Silvânia, a experiência de "sair de casa" foi transformadora, e se traduziu

na incorporação de um outro olhar sobre o mundo, implicando também a sua relação com a religião evangélica que professava: na sua experiência de viagens, com a convivência com culturas que professavam outras religiões (islâmicos, budistas), passou a fazer uma crítica ao que pode ser considerado um fundamentalismo religioso da sua fé de origem, cedendo lugar a uma posição mais cosmopolita.

Em sua trajetória migratória, sofreu preconceito, mais sentido na Alemanha do que nos EUA, especialmente da parte dos idosos, mas não da família de seu marido, pois foi muito bem acolhida por eles. Sua trajetória pode ser lida como uma resposta social ao preconceito e estigma sofridos. Tem consciência da discriminação e de seu lugar social (talvez seja mais fácil para ela admitir sua condição de estigmatizada por ter sido bem-sucedida nesse enfrentamento): a fala dela sobre o preconceito do seu sogro contra turcos e africanos evidencia uma percepção do problema que transcende o particularismo da sua experiência: Silvânia nunca foi discriminada pelo seu sogro, mas tem consciência do lugar que ocupa na sociedade alemã, assim como todos os outros estrangeiros. Assim se posiciona diante das falas hostis de seu sogro contra imigrantes turcos e africanos, mesmo que ele lhe diga explicitamente que ela é diferente deles: “não, eu não sou diferente, eu também sou estrangeira”.

## 10. Angelina

Angelina, 30 anos, migrou para Alemanha pela primeira vez aos 15 anos, em 2008, pois sua mãe havia se casado com um alemão que conheceu no Brasil.

A: ...eu tive a minha primeira vinda pra Alemanha com 15 anos que a minha mãe ela conheceu um alemão no Brasil, ele morou no Brasil 3 anos, então eles tinham um relacionamento presente, ele morava com a gente lá e aí o projeto acabaria no Brasil e ele veio pra Alemanha, e eles ficaram mais um tempinho no relacionamento a distância, e aí quando eu fiz 15 anos a minha mãe já tinha um plano de mudar pra Alemanha no futuro, só que a gente não conhecia muito bem as leis de imigração, então o meu padrasto aqui ele foi se informar e assim que eu completasse 16 anos eu já não poderia vir com a minha mãe, então eu tive que, a gente agilizou pra que isso acontecesse antes dos 16, então assim que eu fiz 15 eu vim com a minha mãe. (Entrevista realizada por AUTOR(A), novembro de 2021)

Angelina acaba voltando para o Brasil, após morar seis anos na Alemanha, começa um curso superior, mas interrompe por não gostar da área, acaba trabalhando na área da educação, quando conhece o seu então marido e engravida. Ela decidiu voltar para Alemanha em 2020, quando ainda não havia o diagnóstico do seu filho, mas as contas para manter as terapias eram altas e viu na Alemanha uma maior possibilidade para o desenvolvimento dele.

A: E que só a parte do José ficaria assim, muito, muito cara, ficaria mais de 5 mil só o José, porque teria que ser a fono semanal e teria que ser particular porque o plano só tinha de 3 em 3 meses uma sessão, teria que ser a musicoterapia, aí tem a questão do corpo, pra poder trabalhar a coordenação motora pra ele poder conseguir se concentrar, aí ia ser muita coisa.

A: E a gente colocou isso no papel e falou "não, vai dar 5 mil fácil", então vamo, aí o Leonardo falou comigo "Vamo pra Alemanha então né", falei "vamos pra Alemanha então", e eu tinha muito medo também do José não conseguir desenvolver tanto e aí ele ficasse excluído da sociedade, não conseguisse um trabalho futuramente, não conseguisse na escola ter alguém com ele, porque trabalhando na escola eu sabia como era difícil conseguir uma monitora, assim, uma por um, uma só pra ele, vai ser muito difícil, então vamos tentar a Alemanha, e aí começou a movimentação pra Alemanha, vamos pra Alemanha. (Entrevista realizada por AUTOR(A), novembro de 2021)

Angelina na sua primeira ida para Alemanha, não mantinha tanto contato com a família no Brasil por telefone, como era filha de pais separados, houve um acordo para que ela voltasse ao Brasil anualmente.

A: Quando eu vim pra Alemanha com a minha mãe eles meio que acordaram que uma vez por ano no mínimo tinha que vir no Brasil visitar o meu pai... então eu sempre vim no Brasil uma vez no ano, eu não mantinha muito contato assim com...até meu pai, vou dizer que era bem raro. (Entrevista realizada por AUTOR(A), novembro de 2021)

Quando Angelina retornou ao Brasil para fazer faculdade, foi morar com o seu pai, enquanto sua mãe continuava na Alemanha, ela mantinha contato com a mãe através da internet, por meios de comunicação da época, como o *Skype*.

A: ...e aí ligava pra minha mãe por *Skype*, falava "mãe, resolve, eu sempre fiz isso, por que eu não posso fazer agora?", "Não faz sentido" (Entrevista realizada por AUTOR(A), novembro de 2021)

Por fim, nessa sua última migração, de volta para a Alemanha em 2020, Angelina diz que mantém muito mais contato através da internet, por meio de redes sociais, como *Whatsapp* e *Instagram*.

E: Eu mantenho contato mais do que da primeira vez que eu vim aqui, sim, muito mais, eu acho que agora eu sou mais família, a questão da idade né, e eu tenho contato sim, eu mando mensagem pro meu pai, minha irmã, a gente se fala praticamente todos os dias né, ainda tenho. Tenho contato ainda com no *Instagram* ainda com algumas pessoas do Brasil que querem saber algumas coisas daqui. (Entrevista realizada por AUTOR(A), novembro de 2021)

Diante do exposto, conclui-se que o processo migratório de Angelina está diretamente relacionado aos seus imaginários quanto à Alemanha. Segundo se apurou, na primeira migração, a entrevistada não teve escolha. Contudo, desfrutou das oportunidades que surgiram e conseguiu, inclusive, cidadania. Posteriormente, as concepções se intensificam, na medida em que Angelina percebe que os gastos para o desenvolvimento de seu filho seriam muito altos no Brasil e percebe que na Alemanha seria possível ter acesso a tudo que era necessário para o desenvolvimento do seu filho.

## **11. Considerações finais**

Ao longo das entrevistas, construímos um quadro qualitativo das experiências de mulheres brasileiras na Alemanha e a constituição de famílias transnacionais. Uma outra

características que se pode observar nesse fluxo, que tem uma característica feminizada, tem sido a constituição de famílias transnacionais que estabelecem laços com sua comunidade de origem e, ao mesmo tempo, constroem uma vida no exterior.

Os projetos migratórios envolveram migração por afetos e migração para estudar na Alemanha. A imagem da Alemanha como um lugar cosmopolita, com segurança e serviços públicos de qualidade impacta na escolha da Alemanha como destino.

O cosmopolitismo é geralmente associado a experiências de viagem, da vida em grandes cidades, do consumo de bens culturais, de um estilo de vida urbano e a valores mais universalistas e individualistas.

Nesse artigo, ao pensarmos nas mulheres que migram do Brasil rumo à Alemanha, com o projeto de estudar, buscamos compreender como essa experiências que constroem um campo de relações transnacionais entre a Alemanha e o Brasil pode ser interpretada como um tipo de cosmopolitismo vindo dos grupos populares e camadas médias, ou um cosmopolitismo vindo de baixo.

No entanto, esse processo não corre sem enfrentar situações de preconceito e discriminação. Os sentimentos de discriminação ocorrem tanto por ser estrangeira, quanto por ser mulher brasileira, mas nesse caso o preconceito emerge de forma muito sutil e só com o aprendizado do alemão percebem o preconceito.

## 12. Referências

ANTHIAS, Floya; LAZARIDIS, Gabriela. Introduction: Women in the Move in Southern Europe. In: ANTHIAS, Floya; LAZARIDIS, Gabriela. **Gender and Migration in Southern Europe, Women on the Move**. Oxford: Berg, 2000, pp.1-15.

ASSIS, Gláucia de Oliveira et al. **Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas -CFH/ UFSC, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, 1995. 284 p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadareense para os EUA. Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, p. 125-166, 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Gênero e trânsitos contemporâneos de mulheres brasileiras emigrantes no século XXI. In: Sueli Siqueira. (Org.). **Ligações Migratórias Contemporâneas**. Brasil, Estados Unidos e Portugal. Governador Valadares: Univale, v. 1, 2018, p. 8, pp. 134-154.

ASSIS, Gláucia de O. BENEDUZI, Luís Fernando. (Org.). **Os pequenos pontos de partida: novos e(imigrantes) rumo à Itália no século XXI**. Curitiba: CRV, 2014. v. 1. 232p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: Rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2011, 348 p.

**Assis; Canella; Martendal; Alves**

Os projetos migratórios de Brasileiras/os na Alemanha no século XXI e as configurações de famílias transnacionais

ASSUNÇÃO, Viviane. Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, p. 63-80, 2016.

BAHIA, Joana; SANTOS, Mirian (orgs). Aspectos socioeducativos dos processos migratórios, pp. 7-17. In: **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios**. São Paulo: Oikos, 2016.

BAHIA, Joana. Deus tem passaporte? Os delicados fios que tecem as relações entre socialização religiosa, educação e motivações migratórias, pp. 100-126. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Mirian (orgs). **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios**. São Paulo: Oikos, 2016.

BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p. 227-241, jan./abr. 2010.

BRIGHTWELL, Maria da Graça. Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 66, p. 21-32, 2010.

BRYCESON, S., e VUORELA, U, The **Transnational Family**. New European Frontiers and Global Networks, Nova Iorque, Berg. (2002)

CARNICER, Javier A.. Multilinguismo e educação em famílias transnacionais entre o Brasil e a Alemanha, pp. 18-34. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Mirian (orgs). **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios**. São Paulo: Oikos, 2016.

CERDA CAVAJAL, Julia. Las familias transnacionales. Revista Espacios Transnacionales. Reletran. no. 2. Enero-Junio 2014, p.78-88. Disponible en: <http://www.espaciostransnacionales.org/segundo-numero/refexiones-2/familiastransnacionales/>

FEIJÓ, Glauco Vaz. **Retratos do Brasil na Alemanha**: 30 anos de imigração. Campinas: Pontes, 2021, 354p.

FURSTENAU, Sara. Educação transnacional e posicionamento social entre o Brasil e a Europa. Um estudo qualitativo com famílias migrantes, pp. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam (orgs.). **Migração, redes e trajetórias entre a Alemanha e o Brasil**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

GIRONA, J. R.; MASDEU, M.S.; PUERTA, Y. B. Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujeres. **Papers: revista de sociología**, v. 97, n. 3, 2012, pp.685-707.

GREEN, Simon. Germany: A changing country of immigration. **German Politics**, v. 22, n. 3, p. 333-351, 2013.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitans and locals in world culture. **Theory, culture & society**, v. 7, n. 2-3,1990, p. 237-251, .

IORIO, Juliana Chatti; FONSECA, Maria Lucinda. Estudantes brasileiros no ensino superior

português: construção do projeto migratório e intenções de mobilidade futura. **Finisterra**, v. 53, n. 109, p. 3-20, 2018.

KOZINETS, Robert V. , "On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture", in: NA. **Advances in Consumer Research**. V. 25, eds. Joseph W. Alba & J. Wesley Hutchinson, Provo, UT : Association for Consumer Research, 1998. Pages: 366-371. <https://www.acrwebsite.org/volumes/8180>

LIDOLA, Maria. Changing boundaries and redefining relations: migration and work experiences of Brazilian women in Germany. In: Migrations between Spaces in the Americas and Beyond. FIAR Forum for Inter-American Research. **The Journal of the International Association of Inter-American Research (IAS)**, v. 6, n. 2, 2013. pp.1-25. <http://interamerica.de/current-issue/lidola/>

LIMA, M. A.; TOGNI, P. Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. **Ipotesi Revista de estudos literários**, v. 16, n. 1, 2012, pp.135-144.

MALHEIROS, Jorge; PADILLA, Beatriz. Can stigma become a resource? The mobilization of aesthetic–corporal capital by female immigrant entrepreneurs from Brazil. **Identities**, v. 22, n. 6, 2015, pp.687-705.

MARGOLIS, Maxine L. **Goodbye, Brazil: Émigrés from the land of soccer and samba**. University of Wisconsin Press, 2013.

MARTENDAL, Laís; DA SILVA, Isabel Hirt. Migração entre Brasil e Alemanha: gênero, educação e famílias transnacionais. **Anais do Encontro Nacional sobre migrações, trabalho e gênero - ABEP**, p. 1-23, 2022.

MARTENDAL, Laís. **Brasileiras na Alemanha: o sistema escolar alemão em perspectiva (1998-2021)**. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em História. Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2022. 76 p.

NOGUEIRA, Maria Alice. Capital cultural. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice ; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina C. Cardoso (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, J. M. (org.). **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007, pp.113-135.

SASSEN S. A feminização da sobrevivência: circuitos globais alternativos. In: Morokvasic M., Erel U., Shinozaki K. (eds). *Crossing Borders and Shifting Boundaries*. Schriftenreihe der Internationalen, Frauenuniversität, **Technik und Kultur**, vol. 10. Verlag für Sozialwissenschaften, Wiesbaden.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Towards a definition of transnationalism. **Annals of the New York academy of sciences**, v. 645, n. 1, p. ix-xiv, 1992

**Assis; Canella; Martendal; Alves**

Os projetos migratórios de Brasileiras/os na Alemanha no século XXI e as configurações de famílias transnacionais

SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia Oliveira; GENOVEZ, Patrícia Falco. Migrant women multiterritoriality process in transnational marriage condition. In: Farzana Gounder; Kalpana Hiralal; Amba Pande; Maurits S. Hassankhan. (Org.). **Women, Gender and the Legacy of Slavery and Indenture**. Abingdon: Routledge, 2020, v. 1, p. 200-220.

SIQUEIRA, Sueli e SANTOS, Mauro Augusto. Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. **Travessia** – Revista do Migrante, ano XXV, v.1, n. 70, p. 27-47, janeiro – junho 2012. ISBN: 0103-5576. Home page <http://www.missaodapaz.com.br/travessia/numero70.jpg>

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 31-49.